

EDUCAÇÃO: AGREGANDO, INCLUINDO E ALMEJANDO OPORTUNIDADES



Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)

EDUCAÇÃO: AGREGANDO, INCLUINDO E ALMEJANDO OPORTUNIDADES



Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação: agregando, incluindo e almejando oportunidades

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação [recurso eletrônico] : agregando, incluindo e almejando oportunidades 1 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5706-418-4

DOI 10.22533/at.ed.184202509

1. Educação – Pesquisa – Brasil. I. Silva, Américo Junior Nunes da.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Importante contar ao leitor, antes de apresentar com mais detalhe as características desta obra, o contexto em que ela se insere, marcando bem o lugar histórico que a circunscreve.

Fomos surpreendidos, em 2020, por uma pandemia: a do novo coronavírus. O distanciamento social, reconhecida como a mais eficaz medida para barrar o avanço do contágio, fizeram as escolas e universidades suspenderem as suas atividades presenciais e pensarem em outras estratégias que aproximassem estudantes e professores. E é nesse lugar de distanciamento social, permeado por angustias e incertezas típicas do contexto pandêmico, que os professores pesquisadores e os demais autores reúnem os seus escritos para a organização deste volume.

Como evidenciou Daniel Cara em uma fala a mesa “*Educação: desafios do nosso tempo*” no Congresso Virtual UFBA, em maio de 2020, o contexto pandêmico tem sido uma “tempestade perfeita” para alimentar uma crise que já existia. A baixa aprendizagem dos estudantes, a desvalorização docente, as péssimas condições das escolas brasileiras, os inúmeros ataques a Educação, Ciências e Tecnologias, são alguns dos pontos que caracterizam essa crise. A pandemia, ainda segundo ele, só escancara o quanto a Educação no Brasil é uma reprodutora de desigualdades. Portanto, as discussões empreendidas neste volume de “***Educação: Agregando, Incluindo e Almejando Oportunidades***”, por terem a Educação como foco, como o próprio título sugere, torna-se um espaço oportuno de discussão e (re)pensar do campo educacional, assim como também da prática docente.

Este livro, ***Educação: Agregando, Incluindo e Almejando Oportunidades***, reúne um conjunto de textos, originados de autores de diferentes estados brasileiros e países, e que tem na Educação sua temática central, perpassando por questões de gestão escolar, inclusão, gênero, tecnologias, sexualidade, ensino e aprendizagem, formação de professores, profissionalismo e profissionalidade, ludicidade, educação para a cidadania, entre outros. Os autores que constroem essa obra são estudantes, professores pesquisadores, especialistas, mestres ou doutores e que, muitos, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos autores e discussões por eles empreendidas, mobilizam-se também os leitores e os incentiva a reinventarem os seus fazeres pedagógicos. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e a todas uma produtiva e lúdica leitura!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E OS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO NO SÉCULO XXI	
Elisangela Alves dos Reis	
Patrícia de Oliveira Santana	
Patrícia Sanches Hipolito	
DOI 10.22533/at.ed.1842025091	
CAPÍTULO 2	13
METODOLOGIAS DE ENSINO APRENDIZAGEM, EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E A FORMAÇÃO PARA O SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE: REFLEXÕES TEÓRICO-PRÁTICAS	
Elis Regina Vasconcelos Farias	
Francisco Jadson Franco Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.1842025092	
CAPÍTULO 3	22
AVALIANDO AS BANCAS AVALIADORAS. CONTRIBUIÇÕES PARA O APRIMORAMENTO DA GESTÃO ESCOLAR DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO	
Anderson Paulino de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.1842025093	
CAPÍTULO 4	34
PROJETO EAD NA COMUNIDADE RURAL QUILOMBOLA SÃO DOMINGOS NO MUNICÍPIO DE SÃO MATEUS/ES	
Rosanni Machado da Costa	
Sônia Maria da Costa Barreto	
DOI 10.22533/at.ed.1842025094	
CAPÍTULO 5	53
HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA SALA DE AULA: PERSPECTIVAS PARA LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO	
Tatiana da Conceição Gonçalves	
Mônica do Socorro de Jesus Chucre	
DOI 10.22533/at.ed.1842025095	
CAPÍTULO 6	63
A INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL: MAPEAMENTO DE DISSERTAÇÕES E TESES NO BRASIL (2005-2020)	
Aldirene Pinheiro Santos	
Uilde de Santana Menezes	
Degenaura Gomes de Andrade Stefaniu	
Antônio Perez Stefaniu	
DOI 10.22533/at.ed.1842025096	

CAPÍTULO 7.....	76
DO RIO SÃO FRANCISCO AO SERTÃO NA CARAVANA ALAGOANA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA	
Mércia Lamenha Medeiros	
Lenilda Austrilino	
Auxiliadora Dammiane Pereira Vieira Costa	
Francisco José Passos Soares	
DOI 10.22533/at.ed.1842025097	
CAPÍTULO 8.....	85
VIVÊNCIAS DOCENTES E A TRANSIÇÃO ESCOLAR DOS ALUNOS DO 5º PARA O 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Andréa Cristina Batista dos Santos	
Anilton Salles Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.1842025098	
CAPÍTULO 9.....	108
EDUCAÇÃO E RECURSOS TECNOLÓGICOS: CONCEPÇÕES DO MEDIADOR E SUA RELEVÂNCIA PARA O ENSINO INCLUSIVO	
Igor Araújo	
Bruno Araújo de Souza	
Nayara Cardoso Barros	
Carla Heloísa Luz de Oliveira	
Tiffani Carla da Silva Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.1842025099	
CAPÍTULO 10.....	123
INCLUSÃO QUALIFICADA: O LUGAR DA ESCUTA NO PROCESSO SELETIVO DISCENTE DAS CASAS FAMILIARES RURAIS DO BAIXO SUL DA BAHIA-BRASIL	
Joana Maria de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.18420250910	
CAPÍTULO 11.....	139
TEORIAS APLICÁVEIS NO CONTEXTO EDUCACIONAL, SOB A PERSPECTIVA DO COGNITIVISMO: APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA, CAMPOS CONCEITUAIS E TEORIA DOS MODELOS MENTAIS	
Virgínia Maia de Araújo Oliveira	
Rosejane Cristina Almeida Costa	
Giselle Christine Lins Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.18420250911	
CAPÍTULO 12.....	153
A LDB E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UM ESTUDO SOBRE A LEI Nº 4.2461 E A LDB Nº 9394/96	
Jennifer Juliana Barreto Bezerra Costa	
Bárbara Ellen Rebouças Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.18420250912	

CAPÍTULO 13.....	167
A EPISTEMOLOGIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA E SUA RELAÇÃO COM A FORMAÇÃO DO DOCENTE	
Marlise Márcia Trebien	
Jaci Lima da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.18420250913	
CAPÍTULO 14.....	177
“TDAH DEPOIS DE GRANDE?” IMPLICAÇÕES DA DESCOBERTA TARDIA DO TDAH EM UMA ESTUDANTE UNIVERSITÁRIA	
Kevin Ferreira Corcino	
Thales Fabricio da Costa e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.18420250914	
CAPÍTULO 15.....	193
A EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE GLOBALIZADA – IMPACTOS NA GESTÃO E NA MATRIZ CURRICULAR	
Adelcio Machado dos Santos	
Manoel Leandro Fávero	
Daniel Tenconi	
DOI 10.22533/at.ed.18420250915	
CAPÍTULO 16.....	199
ENSINO FUNDAMENTAL: ROTATIVIDADE DOCENTE E O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM NUMA ESCOLA MUNICIPAL EM SÃO MATEUS/ES	
Rita de Cássia Correia Maciel dos Santos	
Sônia Maria da Costa Barreto	
DOI 10.22533/at.ed.18420250916	
CAPÍTULO 17.....	215
INTERVENÇÕES PARA A APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA DE UM ALUNO AUTISTA	
Cláudia Inês Pelegrini de Oliveira Abreu	
DOI 10.22533/at.ed.18420250917	
CAPÍTULO 18.....	231
CURRÍCULO TRADICIONAL, EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Cecília Aguirre	
DOI 10.22533/at.ed.18420250918	
CAPÍTULO 19.....	243
UM OLHAR CRÍTICO-REFLEXIVO ANTE AOS DESAFIOS DO PNE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: OFERTA E QUALIDADE NO MUNICÍPIO DE MANAUS	
Gerilúcia Nascimento de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.18420250919	

CAPÍTULO 20.....	253
MATERIAL DIDÁTICO BILÍNGUE NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA INFANTIL: DISPOSITIVOS LEGAIS E INTERDISCIPLINARES	
Ana Maria Vargas da Silva	
Haydéa Maria Marino de Sant'Anna Reis	
DOI 10.22533/at.ed.18420250920	
CAPÍTULO 21.....	269
A FORMAÇÃO ACADÊMICA DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DE GOIÁS, PARA QUE ESTAS SEJAM INSERIDAS NO MERCADO DE TRABALHO	
Alda Lucia Souza Lopes da Silva	
Luiz Ortiz Jeménez	
DOI 10.22533/at.ed.18420250921	
CAPÍTULO 22.....	283
OPORTUNIDADES NA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: PORQUÊS MATEMÁTICOS NO ENSINO SUPERIOR	
Abigail Fregni Lins	
Sergio Lorenzato	
Danielly Barbosa de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.18420250922	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	298
ÍNDICE REMISSIVO.....	299

CAPÍTULO 14

“TDAH DEPOIS DE GRANDE?” IMPLICAÇÕES DA DESCOBERTA TARDIA DO TDAH EM UMA ESTUDANTE UNIVERSITÁRIA

Data de aceite: 01/09/2020

Kevin Ferreira Corcino

<http://lattes.cnpq.br/0340119374299202>

Thales Fabricio da Costa e Silva

<http://lattes.cnpq.br/1451673264440003>

RESUMO: O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é caracterizado como um padrão persistente de desatenção e/ou hiperatividade-impulsividade que impacta a vida de crianças, adolescentes e adultos. Na ausência de uma conduta adequada por parte de familiares e agentes escolares que lidam com crianças com TDAH, muitas destas terminam enfrentando desafios ao longo da vida, ultrapassando as tradicionais dificuldades identificadas na infância. Neste sentido, esta produção tem o objetivo de apresentar as implicações da descoberta tardia do diagnóstico de TDAH em um adulto, a partir do estudo de caso de uma universitária. As discussões partem do relato de experiência de um psicólogo que acompanhou a estudante em uma universidade pública federal. A análise deste caso revela os desafios educacionais enfrentados pela jovem desde os primeiros anos de escolarização até a formação universitária, bem como as fragilidades do processo de medicalização que atravessa a sua experiência de vida. O trabalho convida professores, familiares, psicólogos e outros agentes educacionais a pensarem o adequado manejo de casos de indivíduos que apresentem dificuldades de aprendizagem - sejam elas

decorrentes de transtornos psicológicos e/ou outras problemáticas inerentes ao processo de escolarização - a partir de mecanismos de incentivo às potencialidades do sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade. Dificuldades de aprendizagem. Medicalização. Psicologia escolar. Educação.

“ADHD IN ADULTHOOD?” EDUCATIONAL IMPLICATIONS OF THE DISCOVERY OF ADHD IN A UNIVERSITY STUDENT

ABSTRACT: Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD) is characterized as a persistent pattern of inattention and / or hyperactivity-impulsivity that impacts the lives of children, adolescents and adults. In the absence of proper conduct by family members and school agents who deal with children with ADHD, many of them end up facing challenges throughout their lives, overcoming the traditional difficulties identified in childhood. In this sense, this research aims to present the implications of the late discovery of the diagnosis of ADHD in an adult, from the case study of a university student. The discussions start from the experience report of a psychologist who accompanied the student at a federal public university. The analysis of this case reveals the educational challenges faced by the young woman from the first years of schooling to university education, as well as the weaknesses of the medicalization process that goes through her life experience. The work invites teachers, family members, psychologists and other educational agents to think about the appropriate case management of individuals who have learning

difficulties - whether due to psychological disorders and / or other problems inherent to the schooling process - from incentive mechanisms to the subject's potential.

KEYWORDS: Attention deficit hyperactivity disorder. Learning difficulties. Medicalization. School psychology. Education.

INTRODUÇÃO

A escolarização entrelaça experiências para as mais diversas fases da vida do sujeito, permitindo a construção de um repertório de relações entre indivíduo, família, escola e meio em que habita. Como um lugar vivo, a escola pode oportunizar sabores e dissabores, visto a multiplicidade de indivíduos que a experimentam e as diversas formas como eles a percebem. Nesta seara, o processo de escolarização pode ser marcado por vivências produtoras e/ou contraproducentes, e esta compreensão depende de fatores que, por vezes, estão alheios à própria escola, como é o caso das crianças com alguma dificuldade de aprendizagem.

Historicamente, a escola brasileira não foi pensada pela lógica do acesso igualitário – já que a construção do sistema educacional brasileiro se correlaciona com a formação da nação numa base escravista e de projetos de desenvolvimento desiguais (MEINERZ e CAREGNATO, 2011), o que levou inúmeros indivíduos a viverem processos de exclusão de forma explícita, a exemplo de pessoas pretas, pardas e indígenas, as que estão em vulnerabilidade socioeconômica e pessoas com deficiência. Somado a isso, percebe-se que a escola também foi lapidada numa base que não comportava os que distavam do padrão aceitável de aprendizagem.

Um projeto de escola pública para todos é recente no país, levando indivíduos a abrigarem uma escola despreparada para lidar com a diversidade existente, culminando com expressivos índices de dificuldades de permanência e baixo rendimento escolar. Entre os que figuram estes índices, ganham destaque aqueles que apresentam algum tipo de dificuldade de aprendizagem decorrentes de problemas psicológicos, tão disseminados e discutidos nos últimos anos.

O despreparo apontado faz com que, muitas vezes, a escola e seus agentes educacionais direcionam o olhar às limitações dos estudantes que possuem algum tipo de dificuldade de aprendizagem, em vez de trabalhar as potencialidades desses indivíduos – muitas vezes chegam a anular essas potencialidades. Isso pode ser explicado pelo que foi apontado por Pletsch (2009), ao abordar que, no Brasil, a formação de professores e demais agentes educacionais segue ainda um modelo tradicional, inadequado para suprir as necessidades dos estudantes em sua heterogeneidade, dificultando um processo educacional inclusivo. Tal problemática é acentuada quando este estudante apresenta traços de algum transtorno, como é o caso do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), da Associação Americana de Psiquiatria (APA, 2014), o TDAH é caracterizado como um padrão persistente de desatenção e/ou hiperatividade-impulsividade que interfere no funcionamento e no desenvolvimento do indivíduo.

Diante da falta de uma conduta adequada aos casos de TDAH em escolares, muitos destes indivíduos terminam enfrentando desafios ao longo da vida, ultrapassando as tradicionais dificuldades vividas na infância e adolescência. Na juventude, por exemplo, um indivíduo com TDAH, ao ingressar numa universidade, poderá encontrar dificuldades com o planejamento, a organização, a autorregulação de comportamento e cumprimento de tarefas, podendo interferir em seu desempenho acadêmico (SOUZA et. al., 2017; OLIVEIRA; DIAS, 2017; THOMAS et. al., 2015; GRAY et. al., 2014).

Neste sentido, este trabalho tem o objetivo de as implicações da descoberta tardia do diagnóstico de TDAH em um adulto, a partir do estudo de caso de uma universitária. Consiste na apresentação do caso de uma jovem de 24 anos, cursando o 3º período de um curso de graduação em uma universidade pública federal, que procurou ajuda ao psicólogo da referida instituição no ano de 2019 e recebeu suporte profissional na busca de estratégias de superação das dificuldades em se manter no curso diante das características do TDAH.

Portanto, a apresentação deste caso se mostra relevante já que discute o TDAH numa etapa da vida que é pouco difundida pela literatura: a fase adulta (BARBOSA, 2017). Além disso, revela os desafios educacionais enfrentados pela jovem desde os primeiros anos de escolarização até a formação universitária, bem como do processo de medicalização que atravessa a sua experiência de vida. Por fim, o trabalho demonstra a importância do cuidado que os educadores devem ter desde as séries iniciais na identificação e manejo de casos de indivíduos que apresentem dificuldades de aprendizagem, sejam elas decorrentes de transtornos psicológicos e/ou outras problemáticas inerentes ao processo de escolarização.

MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo de caso parte da experiência de um psicólogo atuante em um campus da referida instituição, que continuamente recebe demandas relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem no ensino superior. A seleção deste caso se deu pela sua exclusividade frente aos outros casos atendidos pelos profissionais na instituição até aquele momento, o que pode ser explicado pelo caráter incomum do diagnóstico de TDAH em adultos, já que por muito tempo era considerado um diagnóstico estritamente infanto-juvenil. Ao longo desta seção, será apresentado um roteiro do manejo que o caso recebeu na instituição, revelando a importância

da intervenção compartilhada e da adequada orientação ao estudante, que revelou substancial melhora quanto à gestão da sua demanda.

Inicialmente, cabe considerar que o estudo de caso, como propõe Galdeano et al. (2003), permite que o profissional observe, entenda, analise e descreva uma situação real, adquirindo conhecimento e experiência que podem ser úteis na tomada de decisão frente a outras situações. Embora a proposta deste estudo de caso não seja uma investigação aprofundada, densa e com viés clínico, a análise da problemática permite, a partir dos recursos utilizados, promover maior conhecimento acerca do tema. O relato presente neste trabalho considerará as informações obtidas no ano de 2019 e, portanto, serão tratadas no tempo passado ao longo desse texto, não revelando dados atuais e/ou futuros.

A estudante, doravante identificada com o pseudônimo Maria, 24 anos, solteira, residia com os pais na mesma cidade em que estudava. Estava no 3º período de um dos cursos de graduação da instituição, porém, já possuía uma graduação concluída. À época dos atendimentos, trabalhava em um órgão público em um turno oposto ao dos estudos, tendo um turno disponível para realizar outras tarefas. Procurou o psicólogo com o intuito de receber orientação e auxílio no enfrentamento às dificuldades emocionais vivenciadas no momento; sua decisão em procurar o profissional se deu pela facilidade em acessá-lo na própria instituição escolar e também como um complemento ou alternativa ao tratamento psiquiátrico ao qual estava passando. Como a atuação do psicólogo escolar não está relacionada ao campo clínico e com propósito diagnóstico, foi necessário esclarecer a estudante sobre o papel deste profissional no espaço universitário.

A atuação do psicólogo no contexto escolar, como aponta Antunes (2008), é focada no processo de escolarização, tendo como objeto a escola e as relações que aí se estabelecem. Partindo desta compreensão, é importante superar a prática histórica do psicólogo como um clínico dentro do espaço escolar, senão, como apontam Prediger e Silva (2014), continuarão sendo comuns os relatos de profissionais que mencionam as constantes demandas de ajustamento que a escola os coloca, persistindo um modelo de patologização das questões escolares que se expressam pela expectativa de uma intervenção individualizada.

Entre as diversas possibilidades de atuação do psicólogo no contexto escolar, ainda é comum a prática da escuta às queixas relacionadas à vivência escolar, especialmente por parte dos estudantes. No entanto, essa perspectiva talvez provenha do fato de que, historicamente, como apontou Andaló (1984), a área escolar se caracterizou como um desmembramento da área clínica, o que gerou a visão de uma “Psicologia Escolar Clínica”. A fim de superar tal ideia, precisa-se pensar a atuação do psicólogo a partir de uma postura analítica e de intervenção para além do âmbito individual, abrangendo outras vivências e fenômenos atrelados

a este espaço: objetivos institucionais, práticas pedagógicas e relações interpessoais são alguns deles.

Nestas condições, o olhar do psicólogo acerca da escola se amplia, reconhecendo que o processo educativo e os desdobramentos psicológicos se dão em várias dimensões (individual, grupal, institucional e social), sendo o psicólogo um profissional limitado e que não consegue dar conta de todas essas nuances (MARTINS, 2003). Assim, é mister destacar que a atuação em equipe e o compartilhamento de fazeres e demandas são aspectos inerentes a atuação do psicólogo no âmbito escolar e, para o caso abordado neste trabalho, não seria diferente.

Feito este preâmbulo, cabe continuar a apresentação do manejo do caso em questão. A estudante foi atendida pelo psicólogo em quatro encontros, durante o ano de 2019. A partir do acolhimento e escuta da demanda apresentada, deu-se início ao caminho investigativo que se desdobrou nas intervenções feitas pelo profissional. Desta forma, o primeiro encontro ocorrido com Maria teve o objetivo de acolher sua demanda e realizar a coleta de dados referentes a queixa apresentada, bem como sobre a sua história de vida, incluindo aspectos familiares, sociais e escolares. A coleta de dados, feita através de entrevista livre e observação, seguiu por mais um encontro na semana seguinte. O terceiro e o quarto encontro serviram de acompanhamento do caso diante das decisões tomadas colaborativamente. Os resultados deste roteiro serão apresentados na seção a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a queixa inicial de dificuldade de ajustamento à rotina acadêmica em decorrência de dificuldades psicológicas, a estudante procurou o psicólogo para receber atendimento individual clínico, no entanto, conforme já apresentado, por descaracterizar o trabalho do profissional no contexto educacional, a estudante foi devidamente esclarecida acerca do fazer profissional. Ante o acolhimento e escuta realizados, Maria descreveu o percurso que fez quanto aos cuidados em saúde mental a respeito do seu caso. Já havia passado por dois psiquiatras, que a diagnosticaram com transtorno de ansiedade (mais precisamente, Transtorno Obsessivo Compulsivo – TOC) e depressão e, por tanto, já havia feito uso de medicação psicotrópica; como não havia identificado melhora significativa, suspendeu (por conta própria, o que não é indicado) o uso das medicações.

Por trazer uma queixa que incluía transtornos previamente diagnosticados, o psicólogo buscou investigar o histórico do quadro e quais as afetações na vida diária da estudante. Ao descrever o quadro sintomatológico, a estudante citou, como os principais traços, “constante inquietação, algumas manias, tarefas inacabadas,

pouca concentração, pensamentos flutuantes, distração e dificuldade em estabelecer rotina”.

Em um estudo com estudantes universitários, Oliveira e Dias (2017) apontaram que as principais dificuldades de estudantes universitários com TDAH estão relacionados à gestão da concentração às aulas e a outros estímulos, relacionamento com colegas e professores, raciocínio, desenvolvimento de autonomia e procrastinação. Na mesma direção, Lopes et al. (2005) citam que, em adultos, o quadro de TDAH se manifesta nos seguintes traços: dispersão e desatenção, erros repetidos, perder coisas, não recordar o que acabou de ler, pergunta várias vezes a mesma coisa e evita leitura que não seja de seu interesse específico, adormece ou desliga diante de assuntos que não lhe interessam diretamente, dedica-se a trabalhos que exijam pouca atenção e concentração. Pelo exposto, observa-se que a estudante que ilustra essa experiência apresenta traços semelhantes aos apontados em outros estudantes.

Em decorrência da investigação realizada, seguem alguns relatos da estudante, devidamente adaptados a esse modelo de produção.

Desde pequena fui muito danada na escala, sempre apresentava dificuldades no comportamento e isso era motivo pra ser mal vista por professores e familiares. Costumava ser muito rápida na execução das tarefas, para depois ficar mexendo ou conversando com os amigos. Embora eu nunca estudasse, sempre tirava boas notas, inclusive, minha mãe e meus professores chegavam a duvidar da minha capacidade, julgando que eu passava colando. No ensino médio era da mesma forma. Na faculdade, embora já adulta, também me comporto de forma muito inquieta; não consigo ficar em sala de aula e assistir as aulas por completo, então sempre invento algum motivo para estar fora da sala. Além disso, meu celular está sempre ligado, pois é muito difícil acompanhar a aula do professor, sentada e prestando atenção.

As dificuldades comportamentais descritas pela aluna incluíam permanecer quieta, não se concentrar nas tarefas, ficar sempre se mexendo (se ficar muito tempo parada), entre outros prejuízos decorrentes deste traço no seu dia a dia. Mencionava, ainda, que tais dificuldades se repetiam em outros espaços, que não só a universidade, como no trabalho, quando estava com amigos, em casa ou em outros lugares.

Outra dificuldade apresentada pela jovem estava relacionada à realização profissional.

Sempre quis cursar Medicina, mas diante da dificuldade de entrar no curso e pelas pessoas duvidarem da minha capacidade, devido ao meu jeito, achei que não conseguiria e nunca tentei. Cheguei a passar em outro curso na área da saúde, mas não cursei porque meu pai não me deixou sair de casa. Então terminei optando por esse. Nunca

gostei do curso, concluí apenas para mostrar aos meus pais a minha capacidade. Pra mim foi muito difícil criar uma rotina de estudo, pois não era acostumada com isso; a minha sorte foi um amigo que ficava me pressionando a dar conta dos estudos. Costumo me inscrever em concursos públicos, mas nem sempre vou fazer as provas, justamente porque não tenho rotina de estudos e não me sinto preparada.

A decisão profissional é uma escolha que marca profundamente a vida de um indivíduo. Neste caso, as decisões de Maria foram influenciadas tanto por agentes externos quanto pela forma de conceber sua própria capacidade intelectual - influenciada pela forma como os outros a viam. Cabe considerar que este é um desafio que ainda se mantinha em sua vida até aquele período, tendo em vista que, após o término do primeiro curso de graduação (na área de humanas), iniciou outro curso na área das ciências exatas, o qual cursou apenas um semestre e desistiu; assim, terminou optando posteriormente pelo curso em que estava matriculada àquela época.

Na continuidade do relato da sua história, mencionou a presença de manias como outra característica do seu quadro.

Tenho algumas manias, como se fosse um 'TOC'. Geralmente são manias bestas, às quais me apego para ficar ocupada, quando não tenho o que fazer. Como termino não fazendo outra coisa, percebo que o único prejuízo que tenho é o tempo perdido com estas manias.

Ao investigar as possíveis manias, constatou-se que elas não surgiam de pensamentos obsessivos e não tinham uma continuidade, visto que cessavam sempre que encontrava algo mais produtivo ou atrativo a ser feito. Não correlacionava medos ou perigos associados ao comportamento e não identificava outros prejuízos significativos decorrentes destas atitudes. Em suma, as manias nomeadas por ela funcionavam como tarefas que lhe prendiam a atenção em momentos de ociosidade.

Outro ponto importante trazido pela estudante diz respeito à dificuldade de concluir tarefas e projetos. Apontou em seu relato:

Tenho uma grande dificuldade em concluir atividades longas ou qualquer coisa que queira aprender. Por exemplo, já iniciei aula de violão e logo deixei; sempre entro na academia, mas não vou mais que algumas semanas; entrei na natação, mas logo depois deixei de ir; até o inglês, que seria muito importante pra mim, não consegui concluir.

Dos exemplos apresentados, depreendeu-se, durante a investigação junto a estudante, que a dificuldade em se manter no projeto não tinha relação direta com a natureza da atividade (pois todas elas eram atividades prazerosas para Maria), mas devido ao caráter rotineiro de cada atividade: Maria apontava que era chata a repetição dos exercícios da academia, faltava paciência para seguir o passo a passo nas aulas de violão e inglês e tinha dificuldade em seguir os horários marcados e

exercícios na natação, sendo alguns exemplos dos aspectos que dificultavam a sua vivência com essas tarefas.

Diante do exposto, um questionamento que se lançava frente a este traço comportamental é “como a estudante gerenciava sua rotina de cinco anos no seu curso de graduação”? Pelo que foi apresentado, a possível resposta estava no fato de a jovem sempre ter conseguido gerir o curso ao seu modo: embora não faltasse, não assistia as aulas integralmente, saía muito da sala de aula, conversava bastante com colegas, ficava pelos corredores, utilizava muito o celular, ou seja, ela ditava a organização da sua rotina no curso e “levava-o com a barriga”, como a própria aluna chegou a mencionar; contribuía para este comportamento o fato de ela não gostar do curso, fazendo-o, tão somente, como resposta aos julgamentos dos outros acerca da sua competência.

Dados sobre a vida familiar e social revelavam que a jovem tinha boa convivência com os pais, amigos e colegas de faculdade; considerava que a família possuía boas condições financeiras, o que a permitia desfrutar de experiências desejadas, como viagens e saídas nos finais de semana com os amigos. Mencionava que nas viagens dificilmente apresentava os sintomas mencionados, o que pode revelar o caráter de interesse pela atividade e pelas novidades que a viagem proporcionava, facilitando o desfrute deste momento. Segundo Oliveira et al. (2018), os sinais do TDAH podem ser minimizados pelo controle rígido do sujeito, quando este se encontra em um ambiente novo ou quando está envolvido em atividades que despertam seu interesse, como era o caso das viagens feitas por Maria.

Quanto ao trabalho, apontava que não sentia muito prazer em executá-lo por dois motivos principais: baixo retorno financeiro e atividades repetitivas; afirmava que se mantinha nele por ser de provimento efetivo e carga horária reduzida. Como tinha grande interesse em se ausentar dele e conquistar um que lhe desse um maior retorno financeiro e realização pessoal, considerava a possibilidade de iniciar os estudos para novos concursos com brevidade.

No que diz respeito à rotina diária, mesmo dispondo de um turno livre, a estudante mencionava grande dificuldade em preencher este horário com atividades produtivas. Geralmente ficava navegando na internet, em sites que considerava improdutivos, em decorrência da grande resistência em parar para estudar ou fazer qualquer outra tarefa sistemática.

Diante do relato apresentado, o psicólogo considerou as inúmeras informações trazidas e, com vistas a ampliar o entendimento deste histórico, sugeriu que a estudante conversasse com familiares e amigos a respeito do seu comportamento de infância e adolescência, em casa e na escola, a fim de obter um olhar de outros indivíduos. Tal compromisso ficou acordado no encerramento do primeiro encontro. O pedido se deu em virtude do histórico de desatenção e hiperatividade

relatado e que carecia de outras fontes de informação. Este pedido se amparou nas discussões de Dias et al. (2007), que apontou que o diagnóstico de TDAH na vida adulta se baseia primariamente no relato do próprio adulto que, frequentemente, pode apresentar dificuldades para recordar o histórico de TDAH durante a infância, o que suscita outras fontes de informações para além do autorrelato.

O segundo encontro foi marcado pela apresentação da experiência que teve em conversas com a mãe e algumas amigas a respeito das vivências de infância e adolescência. Da conversa com a mãe e amigas, obteve as seguintes informações: sempre apresentou inquietação, desatenção, dificuldade em seguir regras em casa e na escola, dificuldade em executar planos estabelecidos (inclusive, costumava mudar os planos com frequência), além de ser muito criativa, inteligente e ter facilidade em aprender. Deste modo, identificou-se a historicidade do seu quadro de dificuldades comportamentais, perceptível pela própria estudante e pelos demais indivíduos que convivem com ela.

Cabe destacar que, neste segundo encontro, a estudante ressaltou a frustração decorrente da dificuldade explícita e onerosa de não conseguir executar seus planos, o que gerava muito desconforto emocional, atribuindo, especial motivação, à idade avançada e cobranças arroladas.

Os dois encontros funcionaram como um espaço de escuta, acolhimento e investigação da demanda apresentada, auxiliando a estudante a compreender o diagnóstico sugerido durante o tratamento psiquiátrico. Neste sentido, havia uma grande possibilidade de Maria não vivenciar um TOC ou transtorno depressivo (como havia sido sugerido pelos psiquiatras), pois os traços apresentados indicavam a hipótese de um quadro de TDAH. Quando foi psicoeducada a respeito dessas considerações por parte do psicólogo, a estudante apontou que nunca imaginou que suas características tivessem relação com esse quadro, especialmente agora “depois de grande”, além do que sempre imaginou que o seu problema fosse ansiedade e depressão. Essas informações vão ao encontro das considerações feitas por Lopes, Nascimento e Bandeira (2005), ao citarem que adultos com TDAH não são críticos quanto a suas dificuldades de atenção e poucos se dão conta do problema; além disso, os traços apresentados pela estudante podem ser justificados pelos achados de Silva (2014), que identificou que universitários com TDAH apresentam mais adversidades em relação a seus pares não TDAH, como mais sintomas depressivos, mais prejuízo acadêmico e pior qualidade de vida, o que pode gerar semelhanças entre os diversos quadros de saúde.

Longe de pretender uma intervenção clínica, o auxílio do profissional de psicologia da universidade pautou-se na perspectiva de acolher a estudante em sua demanda e auxiliá-la no percurso acadêmico a partir das demandas apresentadas e da mediação com as diversas instâncias institucionais e fora da instituição,

reconhecendo e deixando-a lúdica, desde o primeiro momento, sobre a importância de uma intervenção compartilhada. Além das orientações psicológicas para melhor condução da vida acadêmica, a estudante necessitava de uma nova avaliação psiquiátrica, tendo em vista a possibilidade de emergir um novo diagnóstico, além da conduta anterior em abandonar a medicação que fazia uso; ademais, uma intervenção psicoterapêutica poderia contribuir com o caso, já que, além de relatar interesse neste tipo de trabalho, a estudante apresentava características elegíveis à intervenção clínica.

Para ilustrar a suspeita do psicólogo escolar a respeito do provável diagnóstico da estudante, são apresentados no quadro 1 os cinco critérios diagnósticos estabelecidos no DSM-5 (APA, 2014) para o TDAH em adultos: cinco ou mais sintomas de desatenção ou cinco ou mais sintomas de hiperatividade/impulsividade; alguns sintomas presentes antes dos 7 anos; algum prejuízo decorrente dos sintomas presente em dois ou mais ambientes (por exemplo, no trabalho e em casa); evidências claras de prejuízo significativo ao funcionamento social, acadêmico ou ocupacional; os sintomas não ocorrem exclusivamente no decorrer de um transtorno de desenvolvimento generalizado, esquizofrenia ou outro transtorno psicótico, e não são melhor explicados por outro transtorno mental (por exemplo, transtorno de humor, transtorno de ansiedade, transtorno dissociativo ou transtorno de personalidade).

Sintomas de Desatenção	Sintomas de Hiperatividade/Impulsividade
Frequentemente deixa de concentrar atenção nos detalhes ou comete erros por descuido em atividades diversas.	Frequentemente mexe as mãos ou os pés, ou se move na cadeira.
Frequentemente tem dificuldade de manter a atenção em tarefas.	Frequentemente levanta da cadeira em situações em que é necessário permanecer sentado.
Frequentemente parece não escutar quando alguém lhe dirige a palavra diretamente.	Frequentemente circula no ambiente, em situações nas quais isso é inadequado.
Frequentemente não segue instruções e deixa de fazer tarefas (não por recusa ou não entender as instruções).	Frequentemente tem dificuldade de se envolver tranquilamente em atividades de lazer.
Frequentemente tem dificuldade de organizar tarefas e atividades.	Frequentemente está em movimento ou age "como se tivesse um motor ligado".
Frequentemente evita, não gosta ou reluta em envolver-se em tarefas que demandem esforço mental prolongado.	Frequentemente fala em excesso.
Frequentemente perde coisas que são necessárias para realizar tarefas ou atividades.	Frequentemente fala sem pensar ou responde antes da pergunta ter sido finalizada.
Frequentemente é facilmente distraído com estímulos externos.	Frequentemente tem dificuldade de esperar a sua vez.
Frequentemente é esquecido com atividades cotidianas.	Frequentemente interrompe outras pessoas ou é invasivo.

Quadro 1 - Sintomas de Desatenção e de Hiperatividade/Impulsividade para o diagnóstico de TDAH

Fonte: APA (2014)

Diante da ilustração feita e a identificação de todos os critérios para esta hipótese diagnóstica, o psicólogo escolar e a estudante, de forma colaborativa, reconheceram a necessidade de uma nova avaliação psiquiátrica e a possibilidade do cuidado compartilhado com um terceiro profissional: o psicólogo clínico, ficando a cargo da estudante a busca por este profissional com o devido suporte do psicólogo escolar.

O terceiro encontro, que se seguiu após a avaliação médica, revelou novos aspectos da condução do quadro. O psiquiatra considerou a hipótese de TDAH e prescreveu cloridato de metilfenidato, mais conhecido como Ritalina®. Tal conduta médica fortalece o crescimento da prescrição e uso deste tipo de medicação no Brasil que, como apontam Oliveira et al. (2016), teve um aumento de 180% na comercialização entre os anos de 2009 e 2013.

Neste cenário, faz-se extremamente necessário discutir o movimento de “medicalização” observado nos últimos anos, em especial no contexto educacional, em que inúmeros indivíduos são responsabilizados pelo fracasso escolar diante das suas condições de saúde. Conforme aponta Negreiros et al. (2016), há a crença enraizada de que o uso de medicamentos pode ser a solução da defasagem do ensino, baseada em saberes médicos, que cooperam com a ideia reducionista, biologizante e patologizante de que o aluno carrega problemas que dificultam sua aprendizagem e que o mesmo deve ser tratado. Este movimento de “medicalização do aluno” por vezes funciona como uma justificação das atuais problemáticas que perfazem o contexto escolar, esquivando a instituição de suas responsabilidades.

Considerando o caso de Maria, em toda a sua vida, mesmo sem um diagnóstico preciso, sempre foi alvo de um discurso medicalizante, reduzindo-a a única responsável pelas suas dificuldades de ajustamento à rotina escolar. Embora tenha demonstrado em sua história de vida escolar/acadêmica resultados positivos em suas notas, a rotulação frente ao seu comportamento acarretou problemas de autoestima e autoimagem. Nos últimos anos, depois de consultar profissionais de saúde, o desconforto emocional se acentuou, visto que, mesmo com diagnósticos que a levavam ao uso de medicação psicotrópica como a melhor estratégia, estava refém de uma experiência emocional que a tornava “impotente” e lhe proporcionava um grande questionamento: “por que não consigo me curar?” - pergunta que costumava se fazer.

Como foi discutido por Barbosa (2017), por mais que cada estudante com TDAH gere sentidos subjetivos próprios em suas trajetórias escolares e acadêmicas, percebe-se a emoção permeando todos os seus espaços relacionais, sejam estes dentro ou fora da escola e da universidade, o que requer que professores, por exemplo, considerem essas singularidades dos estudantes quando formularem as metodologias a serem aplicadas no processo de ensino-aprendizagem.

É notório que considerar a medicação como a única saída inviabiliza a procura de outras alternativas pelo sujeito. Ademais, mascara outras fragilidades do quadro e desvia a responsabilidade de outros agentes, como a família e o próprio sistema educacional que, neste caso, também estava despreparado para lidar com a demanda da aluna, quando da sua vivência escolar. Um dado que ilustrava bem essa realidade era a frequência com que a família de Maria era convocada à escola para receber advertências e tentar resolver o problema comportamental da filha.

Além do exposto, ainda como resultado do terceiro encontro, a estudante mencionou que passou a se reconhecer nas características deste quadro, buscando investigar as particularidades do TDAH em adultos. Como forma de conseguir suporte, iniciou contatos com grupos de apoio, trocando experiências com outros jovens e adultos que também vivenciavam esta condição, mencionando que este novo momento lhe trouxe alívio emocional, tendo em vista a diminuição do sentimento de culpa e incapacidade. Para ela, a culpada sempre era ela mesma por não conseguir obter êxito nos planos que traçava, bem como nas dificuldades diárias, característica que era fortalecida na fala de familiares, professores e amigos.

O quarto encontro, que ocorreu algumas semanas após o terceiro, foi o desfecho momentâneo deste acompanhamento inicial. Também funcionou como um momento de escuta e devolutiva, no qual a estudante mencionou que, embora o uso da medicação estivesse melhorando o seu nível de atenção e rendimento nas tarefas, acreditava que estaria afetando seus traços de ansiedade (possivelmente fez essa interpretação em decorrência dos efeitos adversos comuns ao uso da medicação), o que gerava um grande questionamento pessoal acerca da necessidade do seu uso; neste sentido, foi motivada a manter o acompanhamento médico e seguir as orientações profissionais de uso da medicação.

Levando em consideração a necessidade de olhar para o quadro para além do perfil sintomatológico, mas também reconhecendo a importância do investimento no adequado manejo dos traços característicos do TDAH sem necessariamente estar sob efeito medicamentoso, foram discutidas algumas possibilidades de intervenção e introdução de novos hábitos que proporcionassem mais prazer e qualidade de vida à aluna, considerando, acima de tudo, a boa convivência com o curso.

Quanto a isso, era imprescindível que o psicólogo realizasse uma intervenção institucional, especialmente com os professores e a coordenação do curso ao qual a estudante estava matriculada, tendo em vista as implicações associadas; a ação foi realizada em formato de reuniões compartilhadas, dias após a conclusão do breve acompanhamento, com a presença de coordenadores de curso e alguns professores. Em que pese a importância da intervenção a nível institucional, era visível o quanto havia dificuldades por parte da equipe de professores para elaborar estratégias didáticas direcionadas ao atendimento das necessidades educacionais

da estudante, o que requereu, naquele momento, se reportar à equipe de suporte pedagógico junto a Reitoria para orientações. Ficou agendado um momento de capacitação profissional junto aos professores do campus, sob a responsabilidade da Pró-Reitoria de Ensino da instituição.

Para finalizar a descrição dos resultados deste caso, cabe apresentar os dados obtidos em contatos realizados dois meses depois deste breve acompanhamento. Transcorrido este período, a estudante mencionou os pontos positivos em pertencer ao grupo de apoio numa rede social, em que vinha aprendendo com os pares como vivenciar e superar as dificuldades decorrentes do quadro de TDAH.

A troca de experiência me fez reconhecer que o meu problema não é o pior nem o maior que o de outras pessoas e também não mais o utilizo como justificativa para me acomodar. As orientações recebidas pelo psicólogo me ajudaram a tirar um peso das costas, pois eu nunca tinha uma certeza do que ocorria comigo e terminava não sabendo lidar com o meu problema; vivia tomando remédios que não me faziam melhorar de verdade e só agora, depois de entender o que passei todos esses anos, tenho aprendido a administrar melhor o meu problema.

Como resultados do percurso realizado pela estudante nos últimos meses, ela mais uma vez havia abandonado a medicação, mas estava procurando outro médico para uma nova avaliação – e sondar se havia a necessidade de introduzir nova medicação. Começou a frequentar aulas de *pilates* – que estavam lhe fazendo muito bem – e iria iniciar um tratamento de acupuntura. Quanto à graduação, resolveu trancar o curso assim que concluísse o atual semestre em que estava matriculada, tendo em vista que não era um curso que queria para a sua vida. Além disso, decidiu que iria pedir uma licença sem remuneração do trabalho para poder se dedicar aos estudos para concurso público em uma área que lhe desse mais rendimento financeiro e satisfação pessoal. Por fim, de modo geral, afirmou se sentir muito melhor consigo mesma, com maior domínio sobre o quadro e maior produtividade nas tarefas do dia a dia.

Embora o relato deste caso não seja fruto de uma avaliação tipicamente clínica, mas da análise de um psicólogo escolar que atendeu a estudante, os breves dados apresentados podem contribuir para ampliar as discussões sobre o tema e, assim como asseverou Barbosa (2017), os estudos que abordam essa temática podem contribuir para uma melhor compreensão do sujeito com traços e/ou diagnóstico de TDAH, permitindo reflexões sobre a emergência de um olhar sobre o transtorno para além da patologia, como a importância dos aspectos emocionais no processo de ensino-aprendizagem, o (não) lugar do diagnóstico na construção de estratégias pedagógicas e um olhar menos medicalizante ao sujeito nas instituições de ensino e na sociedade como um todo.

CONCLUSÕES

As pesquisas que discutem o TDAH em adultos no Brasil ainda são poucas (BARBOSA, 2017), especialmente as que direcionam a atenção à vivência de estudantes universitários. Diante disso, o estudo do caso apresentado contribui para o fortalecimento da pesquisa e intervenção neste contexto, tendo em vista as implicações que o TDAH apresentou na vida de Maria.

O despreparo da família e dos agentes educacionais em lidar com as manifestações comportamentais inerentes ao quadro, fez com que Maria enfrentasse desafios em todas as fases de escolarização, sendo considerada, muitas vezes, a única responsável pelas dificuldades enfrentadas, notadamente rotulada de desinteressada e trabalhosa. Ademais, quando dos diagnósticos recebidos, teve que carregar o peso do rótulo de uma adolescente/jovem com TOC e depressão. Nesse ínterim, a medicalização demarcou processos de vida escolar e social, mas não a ensinou a lidar com os sintomas e traços comportamentais que apresentava.

O diagnóstico tardio de TDAH, não por simples anseio de rotular, mas com o intuito de orientar o manejo do quadro e da vida de Maria, demonstra o quanto ainda há despreparo da família e da escola em lidar com este sujeito que não corresponde às expectativas de “ser normal”. Depois de anos de um “não saber o que tenho”, de diagnósticos (e seus respectivos tratamentos medicamentosos) e de múltiplas vivências escolares, é visível o quanto Maria foi marcada subjetivamente. Porém, com o auxílio profissional, a estudante passou a “se identificar/se encontrar”, utilizando as suas próprias estratégias (algumas orientadas profissionalmente) de enfrentamento e melhor vivência do quadro.

É imperioso destacar, mesmo diante das fragilidades vividas pela jovem, os sucessos obtidos no âmbito educacional (boas notas e diversas aprovações) que, contrariando o que geralmente se difunde sobre o TDAH, apontam a necessidade de construir mecanismos de incentivo às potencialidades do sujeito e não as suas fraquezas. Nesta seara, é imprescindível que os educadores (professores e familiares) se espelhem em casos como este e os apresentados em outras pesquisas, que se tornam subsídio para reflexão da temática, ainda pouco difundida nos espaços escolares, de formação de professores e ambientes familiares.

Por fim, considerando que a natureza clínica do diagnóstico e tratamento de casos de transtorno mental e outras condições de saúde que levam ao desenvolvimento de dificuldades de aprendizagem não é função do psicólogo escolar, ressalta-se que este trabalho atingiu o intuito de fomentar a discussão sobre o tema, com especial destaque ao movimento de medicalização do aluno constatado na atualidade. Deste modo, ao mesmo tempo em que se torna relevante a produção e publicação de outros trabalhos que envolvam o TDAH em adultos, é

imprescindível que psicólogos, educadores, familiares e outros agentes envolvidos no processo de escolarização contribuam de forma significativa para o máximo desenvolvimento educacional dos indivíduos, respeitando as suas singularidades.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento [et. al.]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli [et. al.]. – 5. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2014.

ANDALÓ, C. S. A. O papel do psicólogo escolar. *Psicologia, ciência e profissão*, v. 4, n. 1, p. 43-7, 1984.

ANTUNES, M. A. M. Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*. São Paulo, v. 12, n. 2, p. 469-75, 2008.

BARBOSA, F. J. S. A subjetividade do estudante universitário diagnosticado com TDAH. 2017. 92f. Dissertação (Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

DIAS, G.; SEGENREICH, D.; NAZAR, B.; COUTINHO, G. Diagnosticando o TDAH em adultos na prática clínica. *J. Bras. Psiquiatr.*, Rio de Janeiro, v. 56, n. 1, p. 9-13, 2007.

GALDEANO, L. E.; ROSSI, L. A.; ZAGO, M. M. F. Roteiro instrucional para a elaboração de um estudo de caso clínico. *Rev. Latino-Americana de Enfermagem, Ribeirão Preto (USP)*, v. 11, n. 3, p. 371-5, 2003.

GRAY, S.; WOLTERING, S.; MAWJEE, K.; TANNOCK, R. The adult ADHD Self-Report Scale (ASRS): utility in college students with attention- deficit/hyperactivity disorder. *Peer J*, v. 25, n. 2, 2014.

LOPES, R. M. F.; NASCIMENTO, R. F. L.; BANDEIRA, D. R. Avaliação do transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade em adultos (TDAH): uma revisão de literatura. *Avaliação Psicológica*, v. 4, n. 1, p. 65-74, 2005.

MARTINS, J. B. A atuação do psicólogo escolar: multirreferencialidade, implicação e escuta clínica. *Psicologia em Estudo, Maringá*, v. 8, n. 2, p. 39-45, 2003.

MEINERZ, C. B.; CAREGNATO, C. E. Educação e processos de escolarização no Brasil: perspectivas históricas e desafios contemporâneos. *Ciências & Letras, Porto Alegre*, n. 49, p. 43-62, 2011.

NEGREIROS, F.; COSTA, T. S.; DAMASCENO, M. A. Medicalização da educação e concepções de professores brasileiros: um estudo descritivo na rede pública de ensino. *Clínica & Cultura*, v. 2, n. 1, p. 28-35, 2016.

OLIVEIRA, C. T.; TEIXEIRA, M. A. P.; DIAS, A. C. G. Efetividade de uma cartilha psicoeducativa sobre o TDAH em estudantes universitários. *Revista Psicologia: Teoria e Prática, São Paulo*, v. 20, n. 2, p. 268-80, 2018.

OLIVEIRA, C. T.; DIAS, A. C. Dificuldades e estratégias de enfrentamento de estudantes universitários com sintomas do TDAH. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 269-80, 2017.

OLIVEIRA, E. C.; HARAYAMA, R. M.; VIÉGAS, L. S. Drogas e medicalização na escola: reflexões sobre um debate necessário. *Revista Teias*, v. 17, n. 45, p. 99-118, 2016.

PLETSCH, M. D. A formação de professores para a educação inclusiva: legislação, diretrizes políticas e resultados de pesquisas. *Educar*, Editora UFPR, Curitiba, n. 33, p. 143-56, 2009.

PREDIGER, J.; SILVA, R. A. N. Contribuições à Prática do Psicólogo na Educação Profissional. *Rev. Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 34, n. 4, p. 931-39, 2014.

SILVA, M. A. Investigação de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) entre estudantes de odontologia e suas repercussões na destreza manual e desempenho cognitivo. 2014. 152f. Tese (Doutorado em Ciências Odontológicas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SOUZA, J. C.; LEITE, L. R. C.; DOURADO, J. B.; BASMAGE, J. P. T. Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade e qualidade de vida em universitários. *Revista Interfaces - Saúde, Humanas e Tecnologia*, v. 4, n. 12, p. 101- 6, 2017.

THOMAS, M.; ROSTAIN, A.; CORSO, R.; BABCOCK, T.; MADHOO, M. ADHD in the college setting: Current Perceptions and Future Vision. *J Atten Disord*, v. 19, n. 8, 2015.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alfabetização 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 47, 207, 212, 298

Aprendizagem 2, 3, 4, 5, 6, 8, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 23, 27, 42, 46, 55, 56, 57, 58, 62, 63, 66, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 85, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 96, 97, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 124, 127, 129, 131, 132, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 157, 158, 168, 170, 171, 172, 173, 177, 178, 179, 187, 189, 190, 197, 198, 199, 200, 202, 203, 204, 205, 212, 213, 214, 215, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 227, 228, 229, 230, 233, 234, 237, 238, 239, 241, 242, 256, 257, 258, 259, 260, 266, 267, 269, 270, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 285, 286, 287, 290

Ausubel 139, 140, 141, 142, 143, 147, 148, 149, 150, 151, 152

Autismo 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 228, 229, 230

Avaliação 17, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 51, 63, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 89, 105, 124, 142, 158, 164, 171, 174, 186, 187, 189, 191, 236, 256, 267, 275

Avaliação democrática 22, 28, 29

C

Comunidade rural quilombola 34, 35, 46, 50, 51, 52

Contexto escolar 85, 87, 91, 97, 114, 117, 167, 175, 180, 187, 214, 237

Crianças 3, 4, 5, 8, 9, 38, 44, 57, 80, 81, 84, 87, 88, 91, 101, 111, 145, 147, 157, 177, 178, 200, 202, 211, 212, 228, 243, 244, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 259, 260, 261, 263, 264, 266, 267, 274

Crianças surdas 253, 254, 255, 256, 260, 261, 264, 266, 267

Currículo 7, 15, 17, 21, 41, 46, 48, 51, 75, 80, 88, 138, 172, 174, 196, 229, 231, 233, 235, 236, 237, 238, 240, 241, 242, 258, 273, 276, 279

D

Deficiência visual 63, 65, 66, 67, 71, 72, 73, 74, 75, 273

Desempenho 21, 23, 24, 25, 27, 28, 31, 50, 65, 87, 91, 93, 97, 106, 164, 179, 192, 199, 200, 201, 206, 211, 212, 213, 270

Dificuldades de aprendizagem 2, 3, 4, 8, 13, 20, 177, 179, 190

E

EAD 34, 35

Educação 1, 2, 4, 6, 7, 8, 9, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 29, 32, 33, 34, 35, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 71, 72, 73, 74, 75, 78, 80, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 97, 98, 99, 102,

103, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 131, 134, 136, 137, 138, 140, 141, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 205, 206, 207, 209, 210, 213, 214, 215, 218, 219, 220, 221, 222, 229, 230, 231, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 281, 282, 283, 284, 286, 287, 290, 294, 296, 297, 298

Educação inclusiva 65, 67, 68, 72, 74, 75, 108, 109, 110, 111, 113, 114, 118, 121, 192, 218, 229, 253, 254, 255, 256, 260, 264, 266, 267, 269, 270, 271, 275, 276, 277, 279, 282

Educação infantil 2, 73, 157, 160, 162, 163, 207, 243, 244, 246, 247, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 256, 257, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 267

Educação matemática 73, 152, 215, 219, 229, 283, 290, 296, 297, 298

Educação quilombola 34, 35, 46, 48, 50, 52

Educador social 123

Ensino 1, 2, 8, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 27, 32, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 82, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 124, 125, 126, 127, 134, 136, 139, 140, 141, 145, 146, 147, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 179, 182, 187, 189, 191, 193, 194, 197, 198, 199, 200, 202, 203, 207, 208, 212, 215, 217, 218, 219, 220, 222, 227, 228, 229, 232, 233, 238, 239, 240, 241, 242, 244, 245, 247, 249, 251, 253, 254, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 266, 267, 269, 270, 271, 272, 274, 275, 279, 280, 281, 283, 284, 285, 286, 287, 290, 295, 296, 298

Ensino na saúde 76

Escola 1, 5, 8, 9, 13, 16, 20, 21, 23, 26, 27, 28, 29, 31, 41, 44, 50, 55, 56, 60, 61, 62, 64, 67, 74, 76, 78, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 111, 112, 114, 115, 116, 122, 132, 135, 136, 141, 146, 150, 151, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 166, 170, 172, 178, 180, 181, 184, 185, 187, 188, 190, 192, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 217, 222, 223, 229, 232, 234, 235, 238, 239, 240, 241, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 254, 256, 257, 258, 259, 260, 264, 267, 272, 273, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 297

F

Formação 2, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 35, 39, 42, 43, 50, 54, 55, 56, 58, 63, 70, 71, 73, 75, 81, 83, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 96, 103, 104, 112, 113, 114, 115, 116, 121, 122, 125, 126, 127, 132, 133, 135, 136, 138, 151, 153, 154, 155, 156,

157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 190, 192, 194, 195, 202, 207, 209, 212, 217, 230, 231, 232, 233, 235, 236, 237, 239, 240, 242, 245, 247, 254, 256, 257, 258, 260, 264, 268, 269, 272, 275, 276, 277, 279, 281, 282, 284, 285, 286, 287, 294, 295, 296, 297, 298

Formação de professores 50, 71, 122, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 170, 173, 174, 175, 176, 178, 190, 192, 231, 232, 233, 235, 237, 242, 258, 275, 285, 294, 295, 298

G

Gestão escolar 22, 26, 31, 98, 198, 207

Globalização 115, 193, 196

H

Hábitos familiares 85

Histórias em quadrinhos 53, 54, 58, 59, 60, 61, 62

I

Impactos 114, 193, 196, 214

Inclusão 41, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 121, 122, 123, 124, 127, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 162, 207, 228, 229, 230, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 260, 266, 267, 269, 270, 271, 272, 273, 275, 278, 279, 280, 281, 282

Inclusão escolar 63, 66, 67, 69, 72, 108, 113, 121, 207, 273, 278

Inclusão qualificada 123, 124, 127, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137

Inovação educacional 76

Intervenção pedagógica 59, 215

J

Jovem agricultor 123

L

Laird 139, 140, 141, 143, 144, 148, 149, 150, 151, 152

LDB 41, 87, 88, 106, 153, 154, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 239, 250, 252

Leitura 5, 7, 8, 9, 10, 16, 40, 46, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 67, 87, 133, 134, 182, 231, 233, 252, 263, 268, 279, 286, 294, 296

M

Materiais didáticos bilíngues 253, 254, 255, 256, 259, 260, 261, 264, 265, 267

Medicalização 177, 179, 187, 190, 191, 192

Metodologias ativas 13, 16, 19, 21

Métodos 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 47, 75, 105, 135, 151, 152, 159, 179, 197, 229, 252, 257, 258, 296

Multiletramentos 231, 233, 235, 239, 240, 241, 242

P

Pedagogia crítico-reflexiva 243

Pedagogia da alternância 123, 125, 126, 138

PNE 243, 244, 246, 247, 248, 249, 251, 252, 256, 258

Políticas públicas 39, 46, 64, 67, 205, 213, 232, 235, 243, 246, 251, 256, 281

Posturas educativas 167, 168, 169, 171, 172, 175

Prática pedagógica 3, 6, 7, 71, 74, 109, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 237, 239, 240, 274

Processo pedagógico 108, 112, 115, 116, 221, 262

Processo seletivo 22, 23, 32, 123, 124, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 210

Produção textual 53, 60, 61, 62

Professores 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 19, 20, 23, 26, 29, 40, 45, 49, 50, 54, 57, 59, 63, 66, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 85, 90, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 105, 106, 111, 112, 113, 118, 119, 121, 122, 145, 147, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 182, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 198, 199, 200, 201, 202, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 231, 232, 233, 235, 236, 237, 238, 240, 241, 242, 246, 254, 256, 258, 260, 267, 269, 272, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 290, 294, 295, 296, 297, 298

Psicologia escolar 177, 180, 191

R

Recursos tecnológicos 15, 108, 109, 110, 112, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 278, 280

Rotatividade 137, 199, 200, 201, 212, 213

S

Sequência didática 53, 59, 60, 61

Sistema único de saúde 13, 14, 15, 16

T

Tecnologias digitais 21, 231, 232, 233, 235, 236, 237, 239, 240, 241, 242

Teorias cognitivistas 139, 141
Teorias da aprendizagem 139, 140, 148, 149, 151
Transição 19, 85, 86, 90, 91, 106, 166, 273
Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade 177

V

Vergnaud 139, 140, 141, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152
Vínculo 89, 124, 199, 200, 201, 206, 211, 212, 213, 272, 278
Vivências 46, 82, 85, 169, 172, 178, 180, 185, 190

EDUCAÇÃO: AGREGANDO, INCLUINDO E ALMEJANDO OPORTUNIDADES



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br

EDUCAÇÃO: AGREGANDO, INCLUINDO E ALMEJANDO OPORTUNIDADES



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br